

1898 - 25 de ABRIL - 1948



Nossa Família

HOMENAGEM À
VOVÓ E AO VOVÔ

Maria Porto Gomes
e
José de Oliveira Gomes

VALPARAIBA
(Ex - Cachoeira)

1898 - 25 de ABRIL - 1948



Nossa Família

HOMENAGEM À
VOVÓ E AO VOVÔ

Maria Porto Gomes
e
José de Oliveira Gomes

VALPARAIBA
(Ex - Cachoeira)

Nossa Família

x Foi pela manhã de 27 de Março de 1875 que, na risonha aldeia do Escamarão, Freguezia de Sozelo, em Portugal, nascia um menino o qual sendo batizado na Igreja de Sozelo, monumental basilica construida pelos mouros, recebeu o nome de José.

x O batismo fôra a 31 desse mês corrente, pois seus pais — Antonio de Oliveira Gomes e Maria Rodrigues da Silva - profundamente cristãos, quizeram que o seu primogênito, desde os albores da existencia, trilhasse a mesma estrada iluminada pela fé, essa fé tão simples e verdadeira nas almas fortes que a conservam como seu principal padrão de glória. +

A casa era pobre, feita de pedras, envolta por arvores que ramalhavam o cantar das saudades portuguesas. Era chamada «Bela Vista», modesta herança dos seus antepassados que haviam lutado bravamente na península durante a occupação arabe. Os pais trabalhavam incessantemente para manter sua prole composta de cinco filhos.

O labor nos campos era intenso e nem sempre compensado.

Nas noites de inverno, ao soprar da ventania, em vendo os filhos ao redor da lareira, dizia o velho português com voz clara e sentida:

— O' Maria! — as cousas correm mal, a colheita nada promete e si o inverno continuar, assim, tão rigoroso, teremos de entregar a nossa velha casa e as nossas terrinhas para saldar nossas dívidas.

Levantava-se, ia á janela e o panorama todo era de neve. As arvores, como espectros, agitavam seus braços brancos, tão brancos quanto a pureza de sentimentos.

A lua iluminava a paisagem profundamente triste daquela aldeia perdida nos seus poéticos encantos. Os filhos ouviam tudo e partilhavam das tristezas do casal. O mais velho era, porém, um portuguezinho de fibra, já contava onze anos — ai! — e compreendia as lutas dos pais. E então falou com vóz clara e segura:

— Meu pai, eu o auxiliarei. Vou para o Brasil. Trabalharei para ajudar a pagar nossas dívidas e conservar a querida «Bela Vista» que há de ser sempre nossa.

O pai olhou pasmo! A mãe chorou.

— Ai! meu rico filho — onde foste buscar estas idéias de ires para o Brasil, si tu és ainda uma criança?!

E já pressentindo saudades futuras abraçou-o longamente, enternecida — orgulho de seu coração.

* * *

O tempo passou. Novo inverno e novos sofrimentos. O plano ingenuo delineado pelo filho mais velho do casal não mais era fantasia. A necessidade impunha e começou a pensar no

caso. E, assim, a viagem do pequeno José, tão amigo de seus pais e da sua terra, era um fato.

Já olhava em tudo com saudade e tristeza : as pescarias no Douro com o pai e o avô, as brincadeiras na escola régia do Couto e, enfim tanta silhueta que se desenhava em sua imaginação.

X Dois primos — Heitor da Silva Campos e João Antonio de Oliveira Porto regressavam ao Brasil e era bôa companhia para o menino. Arrumaram as malas, fizeram as despedidas e se prepararam para partir. O navio saía de Vigo, na Hespanha, no dia 24 de fevereiro de 1885. O pai acompanhou o filho até o Porto e a mãe, ao vê-lo partir, sente toda a tristeza do momento bem como a aldeia, numa despedida suave, bendiz os passos do infante caminheiro. E o portuguezinho olha para tudo e diz adeus murmurando — “Escamarão amado, minha terra querida, meu sonho irrealizado.»

* * *

... enquanto o vaporzinho singrava os mares espanhois, longe, bem longe, neste Brasil querido, num recanto precioso desta linda e velha Cachoeira existia um lar que poeticamente chamavam a «casinha de roseira». Nesta morada simples vivia José de Oliveira Porto e sua esposa D. Fausta Saraiva. Uma linda filhinha abençoara esta união. Era a alegria da casa. E quando lhe perguntavam — que é que o Tio João Porto fôra fazer em Portugal — respondia desenhando e brejeira : “Ora, foi buscar um portuguezinho para casar comigo”. E o portuguezinho

veio mesmo. Ela contava quatro anos de idade e ele doze. Começou trabalhando no armazem do primo. Armazem farto, em plena prosperidade, pois, as tropas que vinham de Minas, ali “aportavam” com o fim de fazer commercio ou descansar e depois seguir viagem.

A Margem Esquerda era um centro de grande atividade de Cachoeira. As barcas que ligavam as duas margens tinham um movimento muito grande para a época.

* * *

Não tardou que surgisse uma grande camaradagem entre os dois meninos e futuros nubentes. Ele era para a menina o companheiro favorito dos seus brinquedos. Os pais viam isto com olhos complacentes e a velha “Mãe Mina” — avó da vovó — dizia sorrindo: - «Ainda hão de se casar estas duas crianças».

Quando a natureza dos sentimentos transformou-se, eles não souberam nunca. Foi uma determinante que parece ter nascido com eles.

À medida que iam crescendo, o afeto aumentava profundo e forte. E um sentimento tão firme, quanto sincero e puro é, por assim dizer, privilégio dos eleitos, das almas que nasceram para o bem e para os efluvios divinais da graça.

Porque tudo pode desaparecer, mas o amor no seu verdadeiro sentido, nunca. Pode mudar de nome, passar por transformações, sofrer delusões, passível de ódios, tristezas e ingratidões, receber todas as nuances das alvoradas e das alegrias — mas ele, o divino sentimento, brilha-

rá sempre poderoso, eterno desafiando a morte, porque o que na terra foi ligado sob as benções de Deus será ligado no céu.

* * *

Ela era ainda quase criança — quatorze anos apenas e gostava de correr, brincar de roda, pular na corda e até saltar o muro do vizinho. — (Que levada que era a vovó!)

Ele ao vê-la praticar essas travessuras, zangava-se e a repreendia embora com cuidado.

Então ela fitava-o orgulhosa e proclamava em alta vózes :

— Não, não caso mais com você.

Mas, á noitinha, nos serões de família, os dedos trabalhavam na toalha e a vovó ia lendo tudo que o vovô não queria dizer em voz alta.

Então, serenados os ânimos, lá estava a vovó no piano tocando a musica — «Perdão». As pazes estavam feitas. Outras vezes ela se ofendia, mas como explicar-lhe? Todos a vigiavam e na grande casa em que moravam — o chalet — não havia facilidade para uma conversinha fiada.

Entretanto, o piano falava por ela. E o vovô percebia e receioso ouvia a valsa “Ciumes”. E, assim, ia a vida nesta doce cidadezinha pacata, sem distrações, toda colonial, com seus grandes lampeões de querozene, com homens de fraque e senhoras que arrastavam seus vestidos no chão, com mesuras, fidalguia e distinção.

Vovó, depois que saíra da escola de D. Georgina estudara francês e piano. Preparava-se para prestar exame em São Paulo quando o

— VIII —

pai adoeceu. Era o coração. Quantas vezes este já o traira. As pulsações tornavam-se lentas e lentas obrigando a se amparar no vovô para chegar ao chalet. Um dia não mais se levantou.

A molestia estava muito adiantada. A família cerca-o nos mais ternos carinhos e não o abandona um instante.

E as noites passam longas e tristes nessa dolorosa aflição. Quantas vezes, o enfermo com os olhos lacrimosos contemplando vovó dizia :

— Assim, Mariquinha, como você me consola. Deus um dia há de consolá-la.

E é verdade. Depois de meio século, nas horas de tristeza ou de alegria vovó sempre se lembra dessas palavras. Filha obedientíssima curvava-se aos menores desejos de seus pais.

O médico já havia dito :

— E' um caso perdido.

Ele o compreendeu. Chama a filha e diz :

— Mariquinha, escuta. Não chore. Faça esta ultima vontade de seu velho pai que daqui a pouco não mais te verá. Fala minha filha e promete-me dizer "sim" ao que te vou pedir.

Chorando e soluçando respondeu com voz tremula, afirmativamente.

E então, ele compadecido fala devagar :

— Quero que te cases, hoje mesmo, com o Zé Gomes. Tudo já está pronto. Quando eu partir deste mundo, e isto será breve, quero que ele, por ser da minha inteira confiança, zele pelos negocios que deixo, por tua mãe, por tuas irmãs e sobretudo por tí, meu tesouro.

Ela beijá-o freneticamente.

— Papai ! papai !

Uma dispnéia, porem, o deixa inerte.

Vovó retira-se do quarto. A noticia é confirmada. Vovó Fausta põe-na ao corrente de tudo. O casamento seria ás 7 horas, na casa do tio João Porto, em oratório particular. Ela se casaria com um vestido emprestado da tia Prima.

As horas foram de uma dolorosa espera.

Voltaram ao quarto do pai. Seis horas ! A mãe a chama, discretamente e ela parte da casa acompanhada de algumas parentas. As ruas da Margem Esquerda ficaram cheias de gente.

Todos, com simpatia, queriam vê-la passar tão magra, tão simples no seu vestidinho de casa, pois não lhes fôra dado contemplá-la envolta nas alvas roupagens de noiva. E todos compadecidos diziam que vovó — noiva assim tão simples e triste — parecia Nossa Senhora das Dôres.

Isto fôra num 25 de abril de 1898. Ele, o vovô, apesar das tristezas estava radiante. Realizara seu sonho. Foi o dia mais feliz da sua vida, como ainda há pouco afirmou.

Logo, após o casamento, voltaram para a casa.

O pai melhorara, mas esta melhora fora passageira.

Logo a morte o acolheu. Tristezas, luto . . .

* * *

Mas, alegrias surgiram e os filhos vieram engalanar a “casinha da Roseira”. E foram muitos.

A mãe se esmerava por educá-los bem e o pai trabalhava conscio de seus deveres sempre alentado pela chama do ideal de subir, de fazer algo para os seus. O mesmo ideal, que um dia, o fizera abandonar Escamarão para ser útil aos que lá ficaram. O trabalho fora árduo. Nem tudo eram rosas na "Casinha da Roseira". Os espinhos, e não poucos, também lá medravam. Mas eles trabalharam e venceram. Os filhos, aos poucos, foram constituindo suas famílias, tendo sempre como norma de conduta o exemplo de uma vontade firme e de ferrea decisão que lhes moldara a alma de seus pais.

Mas, no transcorrer dos anos, no tumulto da vida, quando a tarefa de ambos estava quase finda, devendo eles gozar o repouso merecido — eis que Deus o quiz provar e como Jô, tirou-lhes os bens. Não importa que os não tenha encontrado. Tirou-lhes também a filha querida — a Mamãe... deixando-lhes nas mãos para velar seus seis filhinhos. E hoje, com certeza, Ela lá das siderais alturas, há de partilhar conosco destas homenagens, agradecida, pelo muito que vovô e vovó fizeram e fazem por nós.

* * *

25 de Abril de 1948!

Os sinos vibram no campanário em sonancias festivas, flutua na alma de toda a família um que de jubilo imenso, fala o coração a poesia do sentimento, há uma orvalhada de ventura, o pensamento é todo uma prece e um canto, solenizando, sob as benções de Deus, as BODAS DE OURO do adorado casal.

— X I —

Eia! pois, vovô e vovó — a caminho para as bodas de brilhante!

* * *

A família está assim constituída:

Maria Porto Gomes

Iracema Porto Gomes

José Porto Gomes — casado com *Maria Eugenia*. Filhas: Maria Terezinha e Silvia Pinto Gomes.

Antonio Porto Gomes — casado com *Eloah Arruda*. Filhos: Paulo e Fernando de Arruda Gomes.

Geraldo Porto Gomes — casado com *Rute Mendes*. Filhos: Antonio Carlos e José Maria Mendes Gomes.

Homero Porto Gomes — casado com *Alayde Rangel*. Filha: Euridice Rangel Gomes.

Euridice Porto Gomes † — casada com *Agostinho Ramos*. Filhos: Jairo, José, Messias, Guilhermina, Maria de Lourdes e